

## SOMBRAS

Al director de la revista gaditana «CALETA»  
José Manuel García Gómez.

Oye, José Manuel: Cuando las sombras  
se estirazan, se alargan y se densan,  
haciendo comunión con el silencio  
y plomo en la conciencia,  
cuando el látigo negro de la sombra  
derriba a la energía de los cuerpos,  
¿no se te queja el alma?.. ¿no se corva?..

A mí, José Manuel, se me derrite  
el calcio de los huesos,  
la cruz que sobre el alba me resiste  
y el oro de los sueños.

Las lanzas de los vientos, (los cipreses),  
me rompen los cristales de los ojos  
con sus cantos de muerte  
que afila el maleficio y el encono.

Las sombras se me agarran, como pulpos  
llenándome de hormigas los tendones,  
haciéndome caer en los apuros,  
¡cortando hasta la espiga de mi nombre!

Murciélagos de voces sin sonidos  
me llegan a las lindes del deseo,  
haciéndome exclamar: ¡La luz, Dios mío!  
¡La luz de tu verdad, como la creol!  
¡Alumbra los suburbios del ateol

M. OSTOS GABELLA

Uma carta de Amor a

# Goethe

Por JORGE RAMOS  
(Escritor português)

**N**A biografia dos homens de génio que passaram os umbrais da imortalidade, o Amor ocupa um dos capítulos mais sugestivos. É o clarão estonteante de un relâmpago iluminando o roseiral ardente de aventura efémera. Desse amor que voou de ilusão em ilusão, julgando, por vezes, prender raízes no mistério da eternidade, ficou a cinza de uma recordação que o vento do próprio tempo viu pouco a pouco dispersando, como se do seu sopro se apagasse, por fim, uma luz distante. É o encantamento que nasce e morre em desencanto. Desfolha-se na sombra.

OS ÚLTIMOS VERSOS DE GOETHE FORAM  
PARA A MULHER QUE JULGOU AMAR

Mas esse raro Amor que nunca morre e nos abismos insondáveis da alma se converte, por inexprimíveis sortilégios, num motivo de adoração, num fenómeno psíquico no qual todas as faculdades do nosso ser estão interessadas; esse Amor, que pelos seus reflexos de exaltação e pelo seu carácter absorvente só pode ser definido por um estado patológico—*la maladie de l'amour* de Voivenel; esse Amor é a única verdade entre todas as miragens enganadoras. Em Wagner não é Wilhelmine Planer, não é Cosima—mas Matilde Wendsdonck que fez do *Tristão* e *Isolda* mais do que uma obra imaginada pela Arte, uma obra inspirada e construída pelo Amor. Em Musset não é Irene de Alton, não é Hermínia Dubois—mas George Sand, sem a qual o poeta não teria escrito *Les Nuits*. Há sempre o único amor na vida de um homen célebre, sobretudo quando é um artista ou um intelectual. Não importa que a existência daquele poeta ou deste filósofo tivesse sido agitada como mar revolto de vitórias e misérias, de fracassos e de imprevistos, ou que a de um ou outro criador da Beleza ou escultor da Ideia decorresse tranquila como regato na moldura de uma paisagem suave, dessas em que o pincel de Giovanni Battista surpreendeu o segredo da serenidade improfanável. O fogo inconsumível desse amor está presente na sua obra ou na sua vida.

Goethe recebe mais do que dá. É a sedução do génio na alma de uma mulher. A sensibilidade complexa desse espírito multiforme, a ressonância viva, imensa, luminosa, da sua força lírica, a grandeza desse génio universal que Faguet (1) colocou ao nível de Homero, e Macy (2) definiu como «um dos cimos culminantes de todas as literaturas», a riqueza do seu espirito de romancista, de dramaturgo, cientista, pensador o esteta, revelam uma alma aberta a todas as

(1) "L'Allemagne dans le siècle XVIII" Emile Faguet.  
(2) "O Período Clássico na Literatura Alemã" John Macy.

manifestações da Verdade e do Belo, un temperamento excepcional que como nenhum outro se aproximou da beleza absoluta. Um homem desta natureza seria capaz de suscitar uma paixão subjugante como a que encheu a vida inteira de Bettina Brentano.

Göethe teria retribuído com o mesmo ardor, o mesmo arrebatamento, esse sentimento profundo e transbordante.

As próprias cartas de Bettina deixam supor que Göethe, aos 60 anos, teria encontrado o seu *único amor* nessa mulher apaixonada, quarenta anos mais nova do que ele. Quando a melancolia romântica do *Werther* impressionava toda a Europa fazendo de Göethe um escritor célebre aos vinte e quatro anos de idade, é possível que o autor do *Fausto* encontrasse na corte de Weimar motivos para o «amor eterno» que dura apenas a vida da sua fascinação... Talvez em Itália, quando compunha o idílio de *Hermann e Doroteia*, houvesse dispersado amor e fantasia por aventuras mais ou menos sentimentais... Mas é já sexagenário, quando a sua alma conquista projecção universal, célebre, venerado como um dos mais notáveis homens da sua época, e a dois passos da imortalidade que o Amor, na expressão mais significativa, aparece como primavera em flor no outono cinzento de uma vida intensa, agitada, fecunda, tão plétórica, tão densa de belas realizações, que dir-se-ia constituir uma biblioteca viva de sentimentos e ideias de transcendente universalidade. Bettina tem 20 anos. A chama da sua paixão por Göethe é tudo quanto o sol de Abril pode dar em esplendor ao crepúsculo de Novembro.

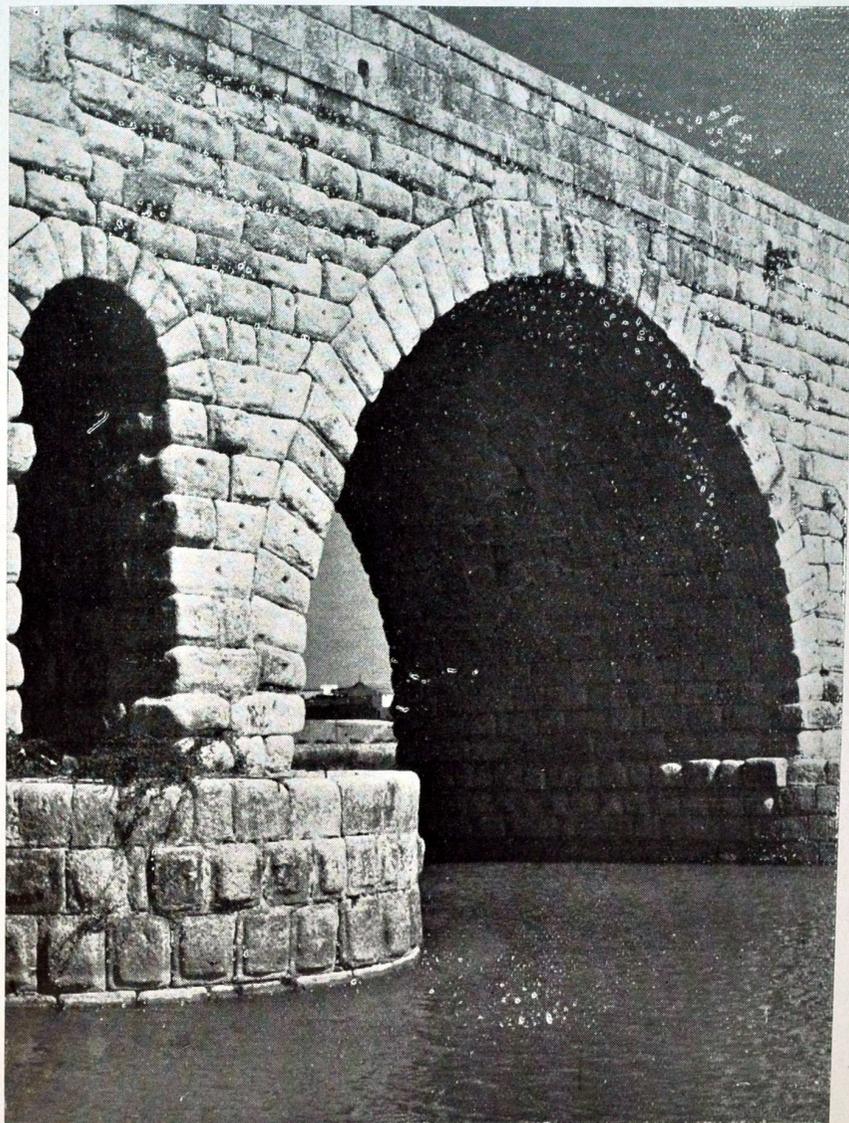
Filha de um banqueiro de Francfort, nasceu em 1788. Em 1811 casa com o escritor Achim von Arnim, enviuvando pouco depois. Antes de morrer, Göethe escreve os últimos versos — para Bettina.

Wartbug, 1 de Agosto de 1809

Não sei se o amor é a maior das paixões e se é possível vencê-la. Sei apenas que me domina de modo absorvente e com irresistível força. Estou só nesta noite silenciosa em que tudo adormeceu. Apenas a recordação de ter estado ao teu lado me mantém acordada. Esse encontro foi talvez o maior acontecimento da minha vida, talvez um dos momentos mais felizes. Se outros dias mais belos me quisesse proporcionar o destino eu os repeleria. E pensar que havia de deixar-te depois do último beijo, eu que desejaria permanecer eternamente suspensa de teus lábios. Senti a inexprimível ansiedade de deter-me junto de cada árvore no jardim onde passeámos. Como tu sorrias quando comparava as formas fantásticas das nuvens aos meus sonhos pueris; como escutaste junto ao meu peito o murmúrio da folhagem.

Amáste-me, eu bem sei. Adivinhei-o do prenderes as minhas mãos nas tuas, adivinhei-o na tua voz. Sentia que me recibias na tua vida íntima e secreta e que nesse instante todo o teu ser me envolvia. Quem seria incapaz de me roubar esta recordação? E já que a possuis, que perdi eu? Nenhum ruído nesta noite. Quisera ter a certeza de que neste momento nenhuma outra alma pensa em ti, nenhum coração bate por ti, que eu sou a única no universo imenso a teus pés, com o coração agitado e palpitante. E tu? Ah! o mundo não precisa saber que tu me amaste.

(Copyright «ALCANTARA»)



ALBUM EXTREMEÑO.—Detalle del puente romano de Mérida.  
(Foto Olivenza)